

**POR OUTRAS FORMAS DE PENSARMOS E PRODUZIRMOS PESQUISA:  
Formação estética e sensível para a pesquisa através da arte**

Mariana da Rocha Silva<sup>1</sup>  
Maristani Polidori Zamperetti<sup>2</sup>

**Resumo:** Sustentadas pelas noções de educação e formação estética, alinhadas a constituição propositiva de uma pesquisa, a partir das noções de educação estética e experiência de Estévez (2011), Larrosa (2021) e Pereira (2016), nosso objetivo neste artigo é refletir acerca de uma formação sensível para a pesquisa, de forma ética, estética e sensível. Ao pensar nas relações, o processo de um fazer-pesquisa ética, estética e sensível, compreendemos que pesquisa e formação sob esta perspectiva podem nos humanizar e nos provocar a um fazer de maneira ética, estética e sensível conosco, com quem nos relacionamos e com o mundo. De maneira propositiva, ao nos lançarmos sobre esta discussão, retornamos aos nossos primeiros momentos de formação para a prática científica e a docência no campo da educação.

**Palavras-chave:** Formação ética-estética. Pesquisa. Formação sensível. Estética. Arte.

**FOR OTHER WAYS OF THINKING AND PRODUCING RESEARCH:  
Aesthetic and sensitive formation for research through art**

**Abstract:** Supported by the notions of aesthetic education and training, aligned with the propositional constitution of a research, based on the notions of aesthetic education and experience of Estévez (2011), Larrosa (2021) and Pereira (2016), our objective in this article is to reflect on a sensitive training for research, in an ethical, aesthetic and sensitive way. When thinking about the relationships between the process of ethical, aesthetic and sensitive research-doing, we understand that research and training from this perspective can humanize us and provoke us to do things in an ethical, aesthetic and sensitive way with ourselves, with those we relate to and with the world. In a propositional way, when we launch ourselves into this discussion, we return to our first moments of training for scientific practice and teaching in the field of education.

**Keywords:** Ethical-aesthetic formation. Search. Sensitive training. Aesthetics. Art.

**POR OTRAS MANERAS DE PENSAR Y PRODUCIR INVESTIGACIÓN:  
Formación estética y sensible para la investigación a través del arte**

**Resumen:** Sostenidas en las nociones de educación y formación estética, alineadas con la constitución proposicional de la investigación, a partir de las nociones de educación y experiencia estética de Estévez (2011), Larrosa (2021) y Pereira (2016), nuestro objetivo en este artículo es reflexionar sobre

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa AFEE! - Arte, Formação e Experimentações Estéticas (FURG/CNPq) e Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPq). E-mail de contato: marianarochasilva13@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora adjunta na Universidade Federal de Pelotas. Líder do Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPq). E-mail de contato: maristaniz@hotmail.com.

la formación sensible para la investigación, de manera ética, estética y sensible. Al pensar en las relaciones y en el proceso de hacer investigación ética, estética y sensible, entendemos que la investigación y la formación desde esta perspectiva pueden humanizarnos y provocarnos a hacer las cosas de manera ética, estética y sensible con nosotros mismos, con quienes nos relacionamos y con el mundo. Precisamente, cuando nos lanzamos a esta discusión, volvemos a nuestros primeros momentos de formación para la práctica científica y la docencia en el ámbito de la educación.

**Palavras-clave:** Formación ético-estética. Investigación. Entrenamiento sensible. Estética. Arte.

## Introdução

Durante nossos processos de formações docentes, estamos a todo o momento em contato com o mundo e somos constantemente atravessados por ele, bem como pelos objetos e pessoas de nosso entorno. Esta relação que temos durante o processo formativo, por mais que esteja latente em nossos cotidianos de docência e ou pesquisa, ainda é um tópico delicado quando se inicia a conversa sobre como, o porquê e de que forma estamos formando e sendo formados.

Pereira (2016) nos fala que ser docente e formar outros sujeitos é uma diferença em si, uma marca produzida na subjetividade daquele que forma e, em diálogo com o autor, podemos falar que a formação é, em primeira e última instância, um movimento relacional que fazemos com o mundo e que nos constitui ética e esteticamente para que possamos humanizar nossa existência em um processo que está em constante refazimento, encarando a vida, a formação e a pesquisa como uma prática criadora de si.

Neste processo de vir a ser pesquisadoras, passamos por diversos prazos e somos levadas ao cumprimento de uma rotina complexa e demarcada pelo tempo, com sua data e hora específica. O ócio, enquanto parte desse processo, raramente é nos colocado como condição para a produção da pesquisa e para a reflexão deste processo formativo. Percebemos que estamos nos formando para a pesquisa?

Uma formação sensível para a pesquisa perpassa aquilo que nos é mais caro enquanto pesquisadoras/pesquisadores, se atrelando a nossa formação humana sorrateiramente, imperceptível. Quando percebemos, aquilo que pesquisamos se torna parte de nosso mundo, bem como nos tornamos parte da pesquisa a partir da escrita de nossas palavras, de forma que: “Falar (ou escrever) com as próprias palavras significa se colocar na língua a partir de dentro, sentir que as palavras que usamos têm a ver conosco, que as podemos sentir como

próprias quando a dizemos [...]” (Larrosa, 2021, p.70).

Uma escrita que nos coloca à disposição para a pesquisa possui a capacidade de revirar o processo formativo da constituição do sujeito-pesquisador, entremeado no espaço de vir a ser parte da pesquisa, assim como a pesquisa se torna parte desse sujeito. Este entrelugar, carrega, em sua máxima instância, a potência de transformar a pesquisa com um corpo atravessador, carregando, por fim, uma terceira pessoa para este processo: aqueles que nos leem.

Potencializar talvez seja a palavra disparadora deste artigo que no processo de pensamento se transforma em um disparador de questões. Como conciliar nossas pesquisas de forma sensível com aquilo que somos se torna um desafio de nos colocarmos em exposição constante com o processo, acabamos por acionar a formação de forma estética, cujos atravessamentos se corporificam e se transformam a todo momento. Com isso, provocamos um processo de pesquisa que objetiva investigar a constituição do sujeito-pesquisador, nos cabe aqui fazermos uma pergunta: O que entendemos por uma formação sensível para a pesquisa?

Entre escrever e ler ocorre o diálogo com aqueles que referenciamos de forma exclusiva, escolhemos autoras/es e pesquisadoras/es que podem abrir uma conversa com nossas questões e, para tanto, se torna

[...] aquilo que ali nos seduz, que nos faz vibrar, que nos encoraja a uma certa audácia de pensamento sobre o presente que vivemos, sobre o tema de pesquisa pelo qual nos apaixonamos, sobre a inquietação que nos mobiliza a realizar esta ou aquela investigação, sobre um determinado problema, sobre o que "vai mal" no campo da Educação e a respeito de que se faz urgente perguntar (Fischer, 2005, p. 122).

O que nos mobiliza enquanto pesquisadoras/es sensíveis atravessa a esfera do cuidado que precisamos ter conosco e com nossos pares. Estamos nos cuidando a ponto de olharmos para a nossa formação de maneira sensível? Uma pergunta um tanto quanto difícil de ser respondida, mediante todas as situações que podem atravessar esse cuidado.

Voltamos então para a pergunta: o que entendemos por uma formação sensível para a pesquisa? Por formação, compreendemos a potencialidade de se colocar em tempos formativos em diversos períodos da vida, de acordo com a necessidade coletiva ou individual

do sujeito no ato de formar-se e formar outrem (Zamperetti, 2012). O sensível, atrelado a essa perspectiva, potencializa e humaniza a maneira como damos forma ao que nos chega e nos atravessa, nos colocando em um estado de afecção com o mundo. E enredadas com a pesquisa, o conhecimento que é construído a partir dessa formação atravessa o que Freire chama de processo gnosiológico de uma curiosidade epistemológica (Freire, 2011).

A maneira como acionamos esta formação sensível se dá nos pequenos momentos em que nos pegamos em devaneios para a pesquisa: um devaneio consciente, que se dispara com os atravessamentos que ela nos coloca. Nos provocamos, a todo momento, a sermos questionares de nossas próprias pesquisas em uma relação viva com ela, de maneira atravessada por aquilo que podemos rascunhar em simples palavras. Serres, ao falar sobre uma filosofia dos corpos, nos diz que “Decifro minhas rugas, gravuras do tempo, escritas a estilo; a alma frequenta este couro coberto de inscrições. Parece-me que o cérebro concentra localmente este lugar de conhecimento. O eu pensante freme ao longo da espinha, **penso em toda parte.**” (Serres, 2001, p. 72, grifo nosso).

### **Decifrando o indecifrável: formação estética para a pesquisa através da arte**

A estesia de uma escrita nos revira: as palavras, que surgem atravessadas em nosso corpo e percorrem até as pontas dos dedos para serem digitadas ou escritas, e se apresentam, constantemente, em um ajuntamento de letras que compõem nosso ser. O processo de pesquisa, neste sentido, pode também ser estético e artístico, atravessado de sensações que nos provocam a fruição da leitura no momento que caminhamos entre elas.

A educação estética, segundo Estévez (2011), acontece a partir do estímulo e disposições que temos, enquanto sociedade, para o processo educativo da estesia humana para a formação de uma consciência estética de uma sociedade, que atualmente se apresenta como “[...] un reto solo al alcance de pocos proyectos sociopolíticos en el mundo actual, donde la educación estética no constituye una prioridad para la formación [...]” (Estévez, 2001, p. 60).

Podemos então, pensar em uma decifração daquilo que se coloca como indecifrável: o movimento de perceber o mundo cercado de estesia e cheio de seres anestesiados. O contramovimento para se educar e formar-se esteticamente se torna quase doloroso, percebendo as miudezas daquilo que nos toca nos potencializando ou refreando nossas ações.

Constituir-se enquanto pesquisador sob esta perspectiva, é abordar uma pesquisa que se entremeia a partir da sensibilidade e a experimentação do fazer do pesquisador de forma ética e estética. Possibilitar esta abertura, neste sentido, acaba nos constituindo enquanto pesquisadoras/pesquisadores sensíveis para o mundo e tolerantes conosco e com outrem, onde “o estado estético é pura suspensão, momento em que a forma é experimentada por si mesma. O momento de formação de uma humanidade específica” (Rancière, 2009, p. 34).

A formação estética para a pesquisa, atrelada a formação estética, evoca um retorno para nossa constituição sensível, intentando um reconhecimento e respeito pelo que sentimos e pelo nosso entorno. Afetar-se desta forma com a produção de conhecimento que construímos, especialmente no campo da educação, é aproximar o que tem se tornado tão raro em espaços educativos: a experiência de se estar em constante formação, onde:

[...] o caminho da formação não está dado no campo da transmissão das informações ou dos conteúdos. Trata-se antes de uma operação que permite ao sujeito, em contato com algumas ideias, tomá-las por meio de um árduo trabalho, agregando-as ao já constituído, imputando-lhes seu estilo, reconstruindo-as e produzindo, como resultado, algo que reconhece como próprio; o que pode, em muito, distanciar-se daquilo que lhe quiseram transmitir (Moschen; Simoni, 2015, p. 114).

Acionar este contato com a educação buscar retornar as possíveis relações que o processo formativo e uma pesquisa se propõe para nós enquanto sujeitas/sujeitos que tecem que produzem sentido através de nossas experiências pessoais, profissionais, acadêmicas e docentes. Convidar-se para experienciar o próprio processo de pesquisa, se entremeando e percebendo suas minuciosas ações que se desenrolam durante o próprio processo é acionar o processo de escuta e cuidado de si.

Ao intentar por uma formação estética para a pesquisa, provocar outras maneiras de se relacionar com o processo se torna um duplo-desafio, em que o processo investigativo carrega também uma potência estética ao trabalhar conjuntamente com a arte/educação, entremeando duas áreas do conhecimento que tendem a uma simbiose sensível e de formação estética, crítica e ética.

A arte na formação docente e nas pesquisas sobre e com a formação docente pode nos nutrir esteticamente para humanizar a constituição formativa de si e de uma pesquisa alinhada à formação docente. A potencialidade que podemos acionar com uma pesquisa baseada em

arte para a formação atravessa nossas percepções e relações que temos, e na feitura de uma pesquisa não seria diferente. Aqui, encaramos a formação docente como um constante processo criativo em que a ressignificação de seus possíveis cotidianos passa pela invenção e refazimento de si, de forma que o processo de vir a ser docente é intimamente entrelaçado com a pesquisa, em que as perguntas que realizamos são endereçadas a nós, nosso cotidiano e a aqueles com que nos relacionamos (Zamperetti, 2012), de forma que:

[...] toda relação é, em potencial, estética, em dependência de uma série de fatores condicionantes: a atitude do sujeito, o caráter da mensagem, a expressão formal do ato comunicacional. Tudo isso pode ser valorado esteticamente: ser “bonito” ou “feio”, “alto” ou “baixo”, etc., e compromete não apenas o meramente fenomênico e o formal, mas também o essencial e substancial. **Quando se trata, pois, de avaliar a formação estética de um indivíduo, não podemos fazê-lo apenas a partir de sua aproximação a um paradigma físico, material, mas sim, essencialmente, a partir de um paradigma espiritual, da condição integral de sua personalidade, do universo de seus conhecimentos, da unidade de seu fazer com seu pensar, e do caráter criador de suas ações** (Estévez, 2009, p. 28 – 29, grifo nosso).

A provocação para pensar uma outra forma de produzirmos pesquisa, que pode possuir o atravessamento de uma formação para a pesquisa, parte, de antemão, do movimento de pensar a pesquisa como uma dupla-captura (Deleuze, 1998) do que aprendemos, ensinamos e pesquisamos. Nos colocamos aqui, em confluência de um pesquisar propositivo em que o que buscamos são novos convites e encontros, outras formas de estarmos juntas/juntos e sermos propositivas com o mundo, se constituindo de um falar – e escrever e pesquisar – que “[...] é assunto de todos em geral e de ninguém em particular” (Larrosa, 2021, p. 156).

Uma maneira de pesquisar que se interpola com a força de sermos sujeitas/sujeitos singulares-coletivos nos é, talvez, um dos maiores desafios que temos durante o processo do que escrevemos: um desafio que nos coloca em debate conosco sobre os cuidados com as palavras e com a escrita, bem como o diálogo que construímos com nossa própria produção. Sensibilizar-nos para a produção acadêmica se torna, então, um assunto de todos e de ninguém, onde a dificuldade de produção reside justamente no que nos custa caro: uma produção honesta com o que e com quem pesquisamos.

Nesse sentido, buscar refletir sobre nossos atravessamentos de forma propositiva para acionar um pensar o campo da formação estética a partir da relação de [com]tato (Schneider,

2018) é estar, de fato, em espaço de habitação relacional, entre os processos, já que “O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 38).

Como um grande enredamento de pensamentos, se colocar de forma propositiva para a formação é pensar em possíveis formações para o mundo: formações que nos afetam e nos fazem agir de forma política conosco. Sustentar o que pesquisamos, em estado de abertura constante ao que nos acontece, movimenta de forma ética e esteticamente a pesquisa, à corporificando através do que nos toca, em estado de refazimento de outras maneiras de pesquisa e formação.

Então, transpondo a formação estética para a pesquisa através da arte para pensarmos a educação, acabamos por nos colocar ao encontro da boniteza da prática formativa e formadora, seja da pesquisa ou da docência, em que

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. [...] **Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que, antes, foi novo e se fez velho, e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda no existente.** [...] A “dodiscência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico (Freire, 2011, 278 –287, grifo nosso).

Nosso processo dodiscente acontece a todo momento em que interrogamos nossas próprias questões e ações. Entremeando-se com/por/através de nossos processos formativos, aprendemos nossas potencias e refreamentos, habitamos as zonas limítrofes de si, onde o:

Nosso pensar prepara-nos, assim, para o que pode vir a potencializá-lo, e esta preparação envolve a própria compreensão de nossa vulnerabilidade ou finitude modal: um pensar forte é aquele que entende o quanto está exposto a fraquezas – sabe que não somos, afinal, um império em um império (Merçon, 2009. p. 80).

Nosso pensar em uma prática propositiva e artística para a pesquisa, nesse sentido, acaba sendo um caminho possível para que possamos compor uma prática de nutrição estética de si para/com o mundo. Com a capacidade de evocar e transmutar o pensar junto, quando nos permitirmos estar entre os movimentos, em constante estado de dobra e desdobra, produzindo

vincos e marcas para pensarmos somos em uma máxima coletiva, habitando um nós, em que ao invés de formas, formações e formatações, estamos falando de forma-ações (Bourriaud, 2009; Schneider, 2018): colocando a forma em ação, a todo momento, em um estado constante de encontro fortuito consigo e com o mundo.

Então, uma forma em ação pela pesquisa habita a vivacidade que o processo pede, transmutando os momentos de composição do fazer pesquisa. Sob esta perspectiva, encaramos a pesquisa quase como um fazer criancieiro: nos colocando a uma curiosidade vulnerável que se abre para ir ao encontro daquilo que nos chega, ao que aprendemos enquanto estudamos sobre o que nos mobiliza.

### **Em busca de diálogos possíveis**

Ao nos abrimos para a conversa sobre a maneira como estamos nos formando, estamos nos convidando e convidando outras pessoas para habitar os nossos entremeios e vulnerabilidades, buscando formas de ser, estar e aprender juntas/juntos, reverberando em nossas práticas de ensino-aprendizagem a todo momento. Nóvoa já nos diz que precisamos de um entre-lugar cuja formação inicial e continuada esteja presente juntas, nos chamando a atenção para o fato de que “Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas. Ninguém, sozinho, domina completamente a profissão, como tantas vezes nos tem alertado Sérgio Niza (2012). **"Precisamos dos outros para nos tornarmos professores."** (Nóvoa, 2019, p. 10, grifo nosso).

Ao encarar a formação para a pesquisa como um processo de troca, em que nosso aspecto relacional contribui diretamente com a forma como produzimos, aceitamos que nos ocorra determinadas marcas e reconhecemos o fazer pesquisa como um processo de estesia, em que não há uma fórmula secreta para lidar com as coisas que nos chegam, nos embolam e que é um segredo de si para si mesmo, é sermos sujeitos da experiência (Larrosa, 2021). A pesquisa e a formação necessitam de um corpo para experimentação, para se ir ao encontro com o mundo, e este corpo se encontra em constante produção quando estamos neste estado de criação e composição do pesquisar, onde:

O paradoxo máximo do corpo é que ele é feito para desaparecer. O corpo funciona para que através dele sejam explorados meios, atmosferas,



percursos, experimentando intensidades nos mínimos gestos. O que pode o corpo é vir ao mundo e libertar a vida daquilo que cria obstáculo a tal devir. O corpo, concebido como criador de configurações múltiplas e variáveis, permite termos uma outra ideia do que é agir, atuar, trabalhar, sentir e dosar o tempo. É caracterizado como aberto a mutações em função de suas relações simultâneas, que ocorrem de dentro e fora, permeável e ao mesmo tempo resistente a trocas sociais múltiplas, ampliando o sentido de corpo/existência; exige, portanto, uma arte de pensar (Meira; Pillotto, 2022, p. 102).

A organicidade do processo de fazer pesquisa acaba por acionar seu corpo para além do corpo daquela/e que pesquisa. A particularidade estética deste processo singular-coletivo em que rascunhamos, por fim, nossos temas de pesquisa como parte integrante de nosso ser. Passamos então, a um processo de interpelação de si, onde as perguntas geradas não buscam em si, uma resposta específica e sim um desatamento das coisas que já não nos cabem mais.

Os dedos que escrevem, a boca que fala, os ouvidos que escutam durante toda nossa vida em formação se acionam ao nos atentarmos a um fazer pesquisa de forma como um exercício propositivo, que se desdobra por um caminho a partir de uma constituição de si. Sabemos que deambular nesse trajeto é custoso, justamente por tentarmos, nessa caminharça, nos mantermos firmes nesta mistura. Cabe, a cada uma/um de nós, à nossa maneira, cultivar este processo como atitude frente à vida, à pesquisa e à docência. É uma formação de vida que pressupõe estarmos abertas/abertos à experiência que nos chega, sermos sujeitas/sujeitos passionais, em atravessamento consciente de si.

Quando estamos em contato com o corpo e os sentidos nos colocamos a disposição desse modo de viver, nos tornamos seres sinestésicos, conscientes do mundo tal como ele é: observando o que é costumeiro, praticando uma atenção que requer estarmos dispostos aos encontros fortuitos. Abrir este tópico para conversa no campo da educação talvez seja um dos maiores desafios que enfrentamos: em um mundo em constante aceleração e adoecimento, não há espaço para que possamos nos escutar.

A conversa e a escuta se tornam, aqui, disparadores conceituais fundamentais para refletirmos sobre a maneira como estamos consumindo o que nos chega no processo de pesquisa. Nosso desafio, enquanto pesquisadoras/pesquisadores, é nos atentarmos para a maneira como estamos nos escutando e escutando a própria pesquisa: quase um segredo relacional que só compreendemos em um específico momento do processo que faz com que,

enquanto pesquisadoras/es, o brilho em nosso olhar se torne visível a outros. Formar, formar-se e pesquisar, em constante simbiose, habitando uma zona de indiscernibilidade em que

[...] o processo de subjetivação seriam o material, o fim e o meio sobre o qual se dá a formação como uma arte da existência, que permite viver a vida como uma obra que transforma o próprio sujeito que a vive e, concomitantemente, o mundo no qual essa vida acontece. Em busca de uma (trans)formação mais adequada à sua existência e de uma ação cada vez mais capaz de exprimi-la no mundo, esse sujeito faria de sua própria subjetividade e de sua construção objeto de seu pensar. Tanto aquela formação quanto essa expressividade consistiriam em uma ligação da estética com a existência e com a sua exposição ao mundo, respectivamente, com o intuito de trazer-lhe as singularidades e as particularidades dos processos de subjetivação, em sua relação com as vicissitudes e os acontecimentos que emanam da vida e que lhe servem tanto de material para pensar quanto de força moral necessária a esse pensamento. São essa subjetividade e essa força que o constituem, ainda que fluidamente, que se encontrariam em todas as esferas da vida e do mundo, podendo ser objetos de seu pensar (Pagni, 2014, p. 156 – 157).

Então, para que esse processo de formação seja parte constituinte de nós, cabe nos perguntarmos o quão longe queremos, enquanto pesquisadores, ir em prol de um sistema que se retroalimenta do desgaste e descuido, de si e de outrem. Provocar e acionar a atenção, através de nutrições estéticas para uma pesquisa, tensiona caminhos que talvez sejam árduos e dolorosos, que requerem uma autoanálise de o que foi, é e será, empenhando-se por um constante vir a ser, enquanto pesquisa e forma de vida. Usamos as palavras de Hilda Hilst, que diz “[...] sou de novo um nada-ninguém, só sinto, quero dizer só penso, é o mesmo” (Hilst, 2006, p. 57), para provocar e clamar por uma formação para a pesquisa que seja humana, entremeada com o nosso sentir e pensar, buscando nos entender como pessoas e pesquisadoras/pesquisadores em contato com o mundo, podendo afetar e ser afetado por ele.

## Conclusão

Como concluir um processo que faz parte de nossa constituição enquanto humanos? Compreendemos que a escrita deste artigo ocorreu de forma propositiva para que possamos juntas/juntos refletir sobre nossa formação como pesquisadoras/es. Inicialmente, nos colocamos a pergunta sobre o que entendemos por uma formação sensível para a pesquisa, e tentamos responder buscando um diálogo com autoras/es citados, mas também com quem dedicará tempo para ler nossas palavras. Estévez, já nos dá uma possibilidade de resposta não

só a nossa pergunta, como também a todas as outras que podem chegar a nós quando pensamos em uma educação sensível.

[...] como educar esteticamente as novas gerações? - era uma pergunta que com frequência nos fazíamos, nós que havíamos dedicado anos à investigação dos problemas teóricos, metodológicos e práticos da educação estética, tendo em conta que a arte é seu meio privilegiado. A resposta, como a quase todas as perguntas que têm a ver com a educação, só a vida podia dar (Estévez, 2009, p. 43).

Não acreditamos em uma formação estética sensível para a pesquisa de forma utópica, mas sim como um ato político em decorrência de todos os enfrentamentos que nos chegam enquanto pesquisadoras/pesquisadores engajados no processo de fazer pesquisa. Aconchegar nosso processo formativo neste movimento se torna, em última instância, um movimento de reconhecer nossos sentidos e nossa essência de forma ética, estética e artisticamente como parte de nossas esferas profissionais e acadêmicas ao atuar no campo da educação.

Buscar por um processo formativo estésico, em seu sentido mais cru, é nos posicionarmos no mundo de forma catártica, nos colocando em estado de atravessamento e habitando o cerne das relações que podemos fazer com o mundo. Se tornando possível uma forma de pesquisar dessa maneira, a faísca daquele pequeno incômodo que nos movimenta para que em um primeiro momento cogitássemos a pesquisa acadêmica, produzindo o pensamento que transborda o corpo, que formiga o cérebro e percorre toda a espinha até parar em nossas palavras aqui escritas de forma propositiva para o mundo.

Ao estarmos fazendo parte da pesquisa de forma corporificadas, nos atentamos à maneira como ela passa a fazer parte de nós, a como nosso processo de estudar o que nos atravessa nos revira constantemente, nos mostrando que “[...] o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração.” (Schiller, 1989, p. 46). Há algo que nos acontece, que é resultado da amarração do sentido e razão.

Compor e discutir um possível processo formativo para uma pesquisa de forma implicada onde podemos nos colocar como sujeitas/sujeitos em simbiose com o próprio pesquisar faz com que surjam outras questões acerca do que podemos fazer durante esse processo. A escrita acadêmica para uma pesquisa, além de ser parte do processo de constituição da socialização de nossas produções, é também o processo de constituição do/a

sujeito/a pesquisador/a. Estamos então, falando de um processo singular que acontece na práxis de si, assim como ser docente acontece no dia a dia, a pesquisa acadêmica se constrói no cotidiano do pesquisador.

Parar, buscar oxigenar e refletir sobre nosso processo de uma formação para a pesquisa, nos esforçando e nos entregando à medida que conseguimos. Spinoza, na parte final da *Ética*, nos diz que:

Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso, parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro (Spinoza, 2021, p. 238).

Sobrevivências de um pesquisar que nos faz retornar aos nossos primeiros passos nesse grande universo que é a formação e, além disso, a educação. Reviver a potencialidade estética da pesquisa para defender a potência de vida que ela possui, retorno àquela primeira chama que nos fez caminhar para onde estamos hoje, nos conduzindo, a todo momento, um constante vir a ser com a pesquisa e a formação, em um movimento vivo.

Em um cotidiano de pesquisa, estamos cercadas/cercados de prazos, normativas, sempre correndo atras do tempo ou nos nutrindo, a partir de pequenas brechas da rotina de um pesquisar, com a troca que fazemos com nossas/os orientadoras/es, pares, amigos/os e familiares? Pensar em um cotidiano estésico, com isso, nos permite que, ainda que brevemente, possamos parar e reparar, retornando para o que nos é tão caro no processo formativo: o aprender coletivamente, estando juntas/os de forma dialógica com o mundo.

Por fim, colocamos um convite para quem nos lê: a refletir e habitar o que tem de mais terno em sua formação, se colocando em proposição com a vida e a encarando como um constante estar sendo, em constante fruição com a potência de viver. Estamos a todo momento em relação, nos formando conjuntamente e tentando, em nossa máxima, nos humanizar em uma forma de viver que a todo momento busca nos anestésiar.

## Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Editora Martins, 2009.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. [tradução de Eloisa Araújo Ribeiro] - São Paulo: Escuta, 1998.

ESTÉVEZ, Pablo René. **A alternativa estética na educação**. [traduzido por João Reguffe] - Rio Grande: Ed. Da FURG, 2009.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Educar para el bien y la belleza**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** [recurso eletrônico]. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

HILST, Hilda. **Estar sendo, ter sido**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1. ed., 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. 2. ed. Rev. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2022.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MOSCHEN, Simone; SIMONI, Ana Carolina Rios. Formar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 113 – 116.

NIZA, Sérgio. **Escritos sobre Educação**. Lisboa: Editora Tinta da China, 2012.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/84910>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PAGNI, Pedro Angelo. **Experiência estética, formação humana e arte de viver: desafios filosóficos à educação escolar**. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a**

formação do professor. 1. ed., 2. reimp. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. [tradução de Mônica Costa Netto] – São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. [tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki] – 10. Reimp. – São Paulo: Editora Iluminuras, 1989.

SCHNEIDER, Daniela da Cruz. **Da feitura de si**: por um gesto artístico na formação. 2018. 77f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4395>. Acesso em: 15 de jun. 2024.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. [tradução Eloá Jacobina]. – Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [tradução de Tomaz Tadeu]. – 2. ed., 11. Reimp. – Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Formação docente e autorreflexão**: práticas pedagógicas coletivas de si na escola. 2012. 148f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1659>. Acesso em: 15 de jun. 2024.

Submissão em: 06/07/2024

Aceito em: 03/10/2024

Citações e referências  
Conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA  
DE NORMAS  
TÉCNICAS